

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DOIS DIAS PARA ANTÓNIO DA CUNHA TELLES

18 de Janeiro de 2023

### MEUS AMIGOS / 1974

um filme de ANTÓNIO DA CUNHA TELLES

*Realização e Argumento:* António da Cunha Telles *Texto do genérico:* Irene Lisboa (“Esta Cidade!”) *Diálogos:* Gizela da Conceição, António da Cunha Telles *Fotografia:* Acácio de Almeida *Som:* João Diogo *Sonoplastia, Misturas:* Hugo Ribeiro *Montagem:* António da Cunha Telles, Gizela da Conceição *Decoração:* João Luís *Assistente de Realização e Anotação:* Gizela da Conceição *Locução do genérico:* António da Cunha Telles *Interpretação:* Manuel Madeira (José Manuel Madeira), Teresa Motta (Helena), António Modesto Navarro (Eduardo), José Vaz Pereira (Chico Amaral), Maria Otília (Catarina), Lia Gama (Clara), Manuela Maria (Laurinda), Henrique Espírito Santo (Agente Pinto), João Franco (Lívio), Adelaide João (Mulher na boite), Cunha Marques (Homem das caricaturas), António Polónio (Maia), M. Guilherme Faria de Almeida (Doutor); Beatriz Alçada (Mulher do Chico), Mário Barradas (Dr. Viegas), Pedro Bandeira Freire (Homem na boite), Lídia Franco (Cecília), Pedro Efe, Maria, Jacinto Matos, Gabriela Duarte, António Leitão.

*Produção:* Centro Português de Cinema/CPC, Tobis Portuguesa, Animatógrafo (Portugal, 1974) *Direcção de Produção:* Henrique Espírito Santo *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm (preservação a partir dos negativos originais), preto-e-branco, 144 minutos *Estreia comercial em Portugal:* 11 de Março de 1974, no cinema Estúdio (Lisboa) *Últimas exibições na Cinemateca:* 1990 (“Modernidade/Pós-Modernidade: Anos 60/Anos 80”).

---

Em 1974, António da Cunha Telles tinha firmado o seu nome como produtor do Cinema Novo Português, papel assumido no início da década anterior à volta das Produções Cunha Telles e dos primeiros filmes de Paulo Rocha e Fernando Lopes. Tinha igualmente iniciado actividade de distribuição através da Animatógrafo, apostada na reposição de clássicos, de Jean Vigo ou Rossellini, e em dar a ver filmes de autor recentes, como Glauber Rocha ou Nagisa Oshima. Três anos antes estreara-se como realizador n’o CERCO, um filme lisboeta e o filme de uma presença, Maria Cabral, que com este se confundia e que a história do cinema português guardou como uma das suas mais revigorantes actrizes. Veio então MEUS AMIGOS, a sua segunda longa-metragem, de novo um filme lisboeta. Os tempos marcelistas que corriam eram ainda de estertor do Estado Novo.

Como o CERCO, MEUS AMIGOS propõe um retrato determinado pelos limites temporais da acção e pela geografia. Em específico, tem o facto de se assumir como um testemunho pessoal construído a partir das personagens e das vidas delas: uma geração que nesses meados dos anos 1970 era marcada pela experiência universitária de uma década antes. O filme estreou em Março, pouco menos de um mês antes do 25 de Abril, e por essa mesma altura a revista *Cinéfilo* publicou uma extensa entrevista de Fernando Lopes e António Pedro Vasconcelos a Cunha Telles. Umas páginas a seguir, a crítica, pouco agradada, a MEUS AMIGOS era assinada por João César Monteiro. Se a recepção não foi à época consensualmente entusiasmada, a imprensa deu relevo à estreia com a publicação de uma série de entrevistas ao realizador. A interessante entrevista da *Cinéfilo* guarda as marcas de um confronto de Cunha Telles com as reticências que lhe vão sendo apontadas. Mas é também ela que, hoje, permite retomar o pensamento “a quente” de Cunha Telles sobre cinema e sobre este seu filme em particular.

Conforme o realizador as verbaliza, as intenções de MEUS AMIGOS decorreram de uma tomada de consciência pessoal: “Eu tinha um determinado número de ideias sobre a maneira como tinham evoluído um certo número de pessoas da minha geração. Pensei, e não estou nada arrependido de o ter feito, que em vez de fazer apenas o apontamento pessoal de como são as coisas, ainda seria mais interessante se contrapusesse a esse meu apontamento pessoal algumas pessoas que estavam próximas dos personagens que eu tinha inventado no argumento, pondo-os a fazer de intérpretes. No fundo era o confronto da minha ideia prévia sobre uma certa geração de gente com algumas dessas pessoas, confronto esse que talvez eu nunca tivesse tido na vida real (...).”

Defendendo as suas personagens, Cunha Telles vai mais longe na associação *de época*: “Eu, no fundo, gostaria de me poder apaixonar por qualquer coisa neste país – quer fosse a ruptura violenta quer fosse a de uma tal organização e sistematização dos processos de trabalhar entre as pessoas, que, mesmo a longo prazo, também pudesse levar a uma transformação do que nós somos. No fundo, e era nisso que o filme era um jogo muito franco, tratava-se para mim de ir buscar pessoas que eu conhecia, que representavam todas elas visões diferentes de estar no mundo, e perguntar-lhes: ‘Como é que tu fazes, o que é que tu queres?’, para ver se alguma delas me dava uma resposta à qual eu me pudesse agarrar também. É com uma espécie de amargura que tenho de reconhecer que, chegado ao fim do filme, encontro em cada uma destas personagens uma grande insuficiência humana, um grande esquematismo. Em suma: uma grande impossibilidade de construir um novo ser a partir daqueles. Não os critico. Constatato: isto somos nós, aqui, Lisboa-74.”

*Lisboa-74* e um acrescento que o rigor impõe à posteriori: *antes do 25 de Abril*. Quando a voz de Cunha Telles lê as palavras de Irene Lisboa na abertura do filme, sobre a imagem em grande plano de um bilhete, os figurantes vêm ocupar os seus lugares preparando a chegada das personagens ao filme. Acontece no elevador do Lavra, e a encenação faz parte da cena, digamos assim. Sucede-lhe o desfile de personagens nos seus diversos momentos de vida quotidiana e uma mesma, partilhada, sensação de estagnação ou fracasso (*Lisboa-74* antes do 25 de Abril) dez anos depois de uma experiência estudantil de inquietação que se supõe vibrante. Nas margens (José Manuel Madeira), em fase de transição (Eduardo), absorvido na vivência burguesa tecnocrata (Chico Amaral), as personagens dos amigos, três, reflectem modelos relativamente identificáveis e aludem a várias outras (ex-colegas de faculdade) que fora de campo compõem o mesmo retrato, no qual igualmente alinham as personagens femininas, sobretudo Helena, Clara e Catarina. A narrativa vai-se construindo à medida das ligações e reflexos das personagens umas nas outras e progredindo pacatamente rumo a uma explosão final, a última e melhor sequência do filme, espécie de epílogo em que as personagens e actores José Manuel/Manuel Madeira e Catarina/Maria Otília simultaneamente rompem e assumem o jogo da representação. “Isto faz parte do filme?!... / Isto faz parte do filme?!...”

Filmado num registo de semi-improvisação, com não actores e actores profissionais em começo de carreira, MEUS AMIGOS mantém os traços de uma peça indissociável do momento histórico em que emergiu, nele incluídas as influências cinematográficas que parece reivindicar enquanto desejo de contemporaneidade. A seguir, no contexto dos “Anos de Abril” da filmografia portuguesa, Cunha Telles realizaria CONTINUAR A VIVER OU OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA (1975). Em 1983, com VIDAS, voltaria a personagens lisboetas do momento contemporâneo da acção dramática de certo modo retomando a linha de O CERCO e OS MEUS AMIGOS. Guardava este segundo como um capítulo importante do seu percurso de realizador, ou assim se lhe referiu por diversas vezes. Concordamos.

Maria João Madeira